

MINISTERIO DA EDUCAÇÃO E CULTURA

A Cultura Brasileira e a Universidade

Conselheiro Alceu Amoroso Lima

- 9 -

Separata de *Documenta* n.º 21 — Volume II

Dezembro, 1963

Rio de Janeiro

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO

PUBLICAÇÕES DO CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO

DOCUMENTA

| 1962 | | 1963 | |
|--------|--------------|-----------|--------------------------|
| N.º 1 | ... Março | N.º 11 | ... Jan./Fev. |
| N.º 2 | ... Abril | N.º 12 | ... Março |
| N.º 3 | ... Maio | N.º 13 | ... Abril |
| N.º 4 | ... Junho | N.º 14 | ... Maio |
| N.º 5 | ... Julho | N.º 15 | ... Junho |
| N.º 6 | ... Agosto | N.º 16 | ... Julho |
| N.º 7 | ... Setembro | N.º 17/18 | ... Agosto/Set. |
| N.º 8 | ... Outubro | N.º 19 | ... Outubro |
| N.º 9 | ... Novembro | N.º 20 | ... Novembro |
| N.º 10 | ... Dezembro | N.º 21 | ... Dezembro vol. [1] |

1964

N.º 22 Vol. I-II Janeiro

Separatas

- N.º 1 — Diretor Qualificado (Cons.^o Abgar Renault).
 N.º 2 — Currículos dos Cursos Superiores.
 N.º 3 — A Aprendizagem Industrial (Cons.^o Faria Góes).
 N.º 4 — Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
 (texto definitivo). N.º 5 — Avaliação de escolas de nível
 médio (Cons.^o Faria Góes). N.º 6 — 1.^a Reunião Conjunta do Conselho Federal de Edu-
 cação com Representantes dos Conselhos Estaduais. N.º 7 — Plano e
 Finanças da Educação (Cons.^o Anísio Teixeira). N.º 8 — Contribuição à determinação do custo
 de Ensino no Brasil. (Hélio Gopfert e Pedro Henrique P.
 Saint Martin). N.º 9 — A Cultura Brasileira e a
 Universidade (Cons.^o Alceu Amoroso Lima). N.º 10 — O Ensino da Língua Nacional
 (Cons.^o Celso Cunha). N.º 11 — Relações entre o Conselho Federal de
 Educação e os Conselhos Estaduais. (Cons.^o Newton Sucupira)

DOCUMENTA

órgão do Conselho Federal de Educação

Publicação da Secretaria Geral Redação :

Celso Kelly — Amilcar Osório

Palácio da Educação — Rua da Imprensa 16. 5.º andar.. Rio de
 Janeiro, GB. — Brasil.

Gráfica Tupy Ltda., Editôra — Barão de São Félix, 42 — Rio

A CULTURA BRASILEIRA E A UNIVERSIDADE

ALCEU AMOHOSO LIMA

O estado atual da civilização brasileira é fruto, principalmente da extra escolaridade cultural. O homem brasileiro, tal como hoje se apre' senta, é muito mais um produto de sua natureza individual, de sua formação doméstica e de sua existência social do que de sua preparação escolar. O índice de nossa escolaridade nacional é dos mais baixos, senão o mais baixo do mundo contemporâneo. Trata-se de um mal ou de um bem ? Se fôr um mal, será só um mal ? Se fôr remediável exigirá que comecemos da estaca zero, adiando de pronto toda veleidade cultural superior ?

Eis algumas das interrogações a que vamos tentar responder, atendendo à imprudente generosidade com que nos colocaram, por alguns momentos, nesta mais jovem das tribunas universitárias do nosso país.

O PROBLEMA DA CULTURA

A palavra significa um ato de dedicação. E de uma dedicação a fundo, tanto aos extremos como ao que fica entre eles. Culto, cultivo e cultura são três aspetos distintos da mesma linha de dedicação a Deus, à Terra e ao Espírito.. Cultuamos a Divindade. Cultivamos a Terra. e nos aperfeiçamos pela cultura do nosso Espírito. Muda o objeto de nossa dedicação, mas significa sempre uma entrega total do nosso ser para alcançar a essência através das aparências, de modo a tirar do cultivo da terra o alimento do nosso corpo, da cultura intelectual o aperfeiçoamento do nosso espírito e do culto religioso o reconhecimento da plenitude da verdade.

Esse radical *culto* pode portanto apresentar três sentidos: um sentido técnico, a cultura agrícola; um sentido místico, o culto religioso e um sentido pessoal. Esse último, por sua vez, se desdobra em um sentido individual e um sentido social.

O sentido individual da expressão é o que chamamos de cultura intelectual. Tem um sentido subjetivo e significa a passagem da informação à formação de nossa personalidade. O segundo tem um sentido objetivo e significa a conquista de elementos característicos das instituições e do modo de ser de uma coletividade.

A cultura intelectual, portanto, em sentido próprio, refere-se a cada pessoa humana em particular e como um todo irredutível. Somos um

microcosmo, disia Aristóteles. A pessoa humana é o que existe de mais perfeito na obra da criação, completa Santo Tomás de Aquino. O trabalho da cultura está precisamente em permitir que esse microcosmo encerre, quanto possível, o macrocosmo e que essa criatura imperfeita alcance o máximo de suas virtualidades. O objeto da cultura é pois a formação do homem em sua plenitude. Pois a cultura social é subsidiária da cultura intelectual, já que a sociedade existe para o homem e não o homem para a sociedade. Embora seja esta uma condição indispensável para a realização daquele. Não há cultura intelectual sadia sem cultura social organizada.

A cultura intelectual representa, portanto, a passagem da informação da nossa individualidade total. Pela informação recebemos de fora os elementos que vão permitir a eclosão de nossas possibilidades naturais. É a função do estudo. Pela formação aglutinamos e assimilamos esses elementos exteriores, de tipo variado ou mesmo contraditório, reduzindo-os a uma unidade irredutível e elaborando com isso a nossa personalidade. Essa personalidade, por sua vez, se projeta para fora no sentido da atividade de comunicação e de criação, que vai por sua vez fecundar a coletividade. Pois toda cultura individual que não se projeta socialmente é não só imperfeita como nociva. Como o é toda cultura individual que rejeita ou não assimila suficientemente o que lhe vem da cultura social. Cultura intelectual pessoal e cultura social coletiva são, por conseguinte, interdependentes. Seu valor respectivo cresce em razão direta dessa interdependência. A cultura intelectual egocêntrica ou a cultura social opressiva, que não permite a expansão da liberdade individual do espírito, são dois elementos negativos e contraproducentes.

A obra de formação cultural supõe, portanto, a obra de informação pré-cultural. Isso não quer dizer, entretanto, que sejam necessariamente sucessivas. É certo que toda formação completa supõe uma informação prévia. Mas toda informação já é, *por si só*, uma formação. Ninguém estuda sem *ipso facto* educar-se. Mas nem por isso passa do estado pré-cultural ao estado cultural, propriamente dito. O estudo é apenas uma educação rudimentar. E a função da cultura é precisamente fazer a semente chegar à flor e ao fruto.

Encontramos, por isso, um grau ascendente na formação cultural. O primeiro é o da erudição, isto é do estudo a fundo e especializado. É a nutrição do espírito em grau elevado. O erudito é mais do que o estudioso, mas é menos que o homem ilustrado. A ilustração, por sua vez, é um plano superior da erudição. É o estudo não apenas em profundidade, mas completado pela abertura do espírito e pelos conhecimentos conexos, mas não indispensáveis, gerais e não particulares, supletivos e não apenas essenciais. A ilustração é o terraço da casa do espírito. É a viração, a paisagem vizinha, o horizonte. Mas ainda não é tudo. Ainda

não é o plano propriamente cultural. A cultura supõe uma síntese final. E uma síntese que supõe, por sua vez, um sinal aparentemente negativo. Pois a cultura é o que esquecemos de tudo aquilo que aprendemos. Esquecemos conscientemente mas não subconscientemente. Pois cultura é assimilação dos conhecimentos à nossa personalidade. É uma terceira natureza. A primeira é conjunto das virtualidades de que dispomos espontaneamente. A segunda é o conjunto de hábitos que adquirimos pelos conhecimentos, pelo estudo e pela educação erudita e ilustrativa. A cultura é um grau ainda superior, pois impõe a transcendência dessas duas etapas, a natural e a adquirida, pela integração e pela decantação dos elementos inatos observados numa nova e definitiva naturalidade, que se pode chamar de sabedoria, pois é um conjunto de elementos físicos, intelectuais e morais, marcados pela serenidade, pela humildade e, por que não dizer, pelo silêncio. A cultura nesse grau de elevação vem se aproximar de novo da incultura. A cultura verdadeira, — que é um perfume indefinível, um mistério de conversão da inteligência em intuição, uma volta à infância espiritual — tanto se encontra nos ignorantes em estado puro, como nos espíritos requintadamente formados, que souberam conhecer a vaidade de todo saber que pensa que sabe. Como a vaidade, porém, em tudo se insinua, como se fartou de ensinar Salomão e o repetiu, à saciedade, o nosso Matias Aires, há vaidade em saber que se sabe, como há vaidade em saber que se sabe, como há vaidade em vangloriar-se de saber que não se sabe. O essencial é procurar esquecer, não cortar cabelos em quatro e acima de tudo ser humilde com simplicidade non *ficta*. Pois o falso publicano ainda é pior que o fariseu.

Deixemos, porém, o alto da montanha e voltemos para os nossos áridos caminhos da planície, entre pântanos e mosquitos, mas também entre messes e flores.

Aquela interdependência entre cultura intelectual e cultura social nos leva às relações entre cultura e civilização. São termos analógicos e por vezes empregados em sentido oposto. Os franceses chamam geralmente de civilização aquilo que os alemães chamam de cultura. Há, porém, um sentido corrente em que, — por amor à comunicabilidade, dimensão essencial da cultura autêntica, como vimos — devemos empregá-las. Quando falamos em cultura de um povo ou de um indivíduo, e mais em sentido pessoal que coletivo, queremos acentuar a sua formação marcada pelo aspecto intelectual, moral e espiritual. Quando falamos em civilização, ao contrário, mais em sentido coletivo que pessoal, embora não exclusivamente, queremos acentuar os elementos políticos, econômicos, jurídicos, em suma, sociais. E assim como há uma interdependência natural entre cultura intelectual e cultura social, há uma natural interdependência entre cultura, aspecto eminentemente interior e civilização, aspecto eminentemente exterior de uma realidade completa, em suas duas faces. A civilização é a face exterior da cultura. A cultura a face interior

da civilização. Andam juntas por vêzes. Por vêzes se separam. Mas nunca se ignoram de todo. Ou de tudo se destroem reciprocamente.

Ao longo da História essas irmãs gêmeas têm sempre vivido solicitadas por dois polos: o da unidade e o da pluralidade. E por duas forças opostas — a das relações pacíficas e a das relações violentas, a da convivência e a do imperialismo. Vivemos hoje sob o signo da pluralidade cultural, mas nem por isso deixam de se manifestar de modo premente tanto a tendência ao universalismo cultural de vários tipos, como à constituição de blocos parciais em estado de tensão; tanto à formação de individualidades requintadamente cultas e ciosas de sua liberdade e auto-nomia, ao que por vêzes se chama de anarquia cultural, como à expansão da cultura popular, com a democratização dos conhecimentos básicos, para a informação e a formação, para a instrução e a cultura.

Essa pluralidade cultural se expande hoje sob a forma de círculos concêntricos, a partir da cultura individual, que é sempre o ponto de partida e o ponto de chegada de toda atividade cultural. No centro sempre a pessoa humana, como fonte imediata e como finalidade cultural. Mas os círculos de expansão se estendem, cada vez mais, a partir do homem individual, sob forma de cultura regional, nacional, continental, intercontinental e universal.

É evidente que não vamos aqui analisar cada um desses círculos culturais. Apenas os mencionamos para mostrar que a cultura individual e a cultura social, conviventes, interdependentes, se encontram em cada um desses círculos geo-sociais de extensão crescente. E que há entre eles tensões e distensões que marcam a vitalidade e as vicissitudes da história da cultura, e marcam também a fisionomia do nosso tempo. Todos os círculos coexistem, nessa nossa era, cada qual com sua acentuação, aceleração ou retardamento, diverso. Mas devemos lembrar o contraste curioso entre o temor crescente do choque violento de culturas, na base de contradições ou precipitações passionais irredutíveis, e a tendência também acentuada no sentido da universalização cultural. Pode-se mesmo dizer que nunca houve na história da humanidade um momento em que o universalismo cultural assumisse um papel tão dinâmico como em nossos dias. Nem por isso deixam de subsistir os demais círculos. E ao lado desse universalismo cultural, assistimos também ao fenômeno, também típico de nossos dias, da eclosão de nacionalismos culturais ou de continentalismos culturais, como o africano e o asiático, aquele pela primeira vez na História, este como revivescência, à semelhança do século passado, quando se formou o culturalismo interamericano ou mesmo de agora, quando assistimos ao debate em torno de um continentalismo cultural europeu, velha idéia dos "Estados Unidos da Europa", como o disse Victor Hugo, de base política ou "Europe is Faith", de base espiritual, na sentença de Hilaire Belloc, cuja segunda parte, entretanto, não podemos aceitar "Seith is Europe".

e o fenômeno cultural admite, por conseguinte, uma limitação cultural, — sem prejuízo de seu intrínseco internacionalismo, pois a cultura em si só tem por fronteiras a humanidade e não um país ou mesmo um continente, — lancemos um olhar sôbre o fenômeno da cultura brasileira.

A CULTURA NO BRASIL

A América é um produto de três continentes: a Europa, a África e o seu próprio. A história e a caracterização de uma cultura brasileira não inseparáveis da história e da caracterização de uma civilização e de uma cultura continental. Essa continentalidade passou por duas fases — a pre-colombiana e a colombiana. Na primeira atuavam apenas os elementos locais, as populações indígenas e as civilizações autóctones, que só alcançaram, em dois pontos, um nível superior, como se sabe — no México e no Peru. A primeira das notas características de uma cultura brasileira, independente das demais, no Continente, é precisamente a inexistência de uma cultura indígena de tipo superior.

Quanto à fase pos-colombiana de uma cultura interamericana e continental, podíamos dividi-la por séculos, dando a cada século a marca de sua fisionomia histórico-cultural dominante:

o século XVI, como projeção do espírito do Renascimento e do Cristianismo;

o século XVII, como o da elaboração local do Colonialismo;

o século XVIII, como nova projeção do espírito europeu, sob a forma do Iluminismo;

o século XIX, como elaboração local do Panamericanismo, o da famosa sentença de Monroe "A América para os americanos";

o século XX, como irradiação do Industrialismo e do liberalismo, e campo de entrechoques dos Extremos modernos, esquerdistas e direitistas.

Sendo embora a cultura brasileira inseparável da história e da caracterização da cultura interamericana, constitui ela um todo à parte, tanto em face da cultura anglo-americana dos Estados Unidos ou anglo-franco-americana no Canadá, como da cultura hispano-americana. Costuma-se, nos Estados Unidos, falar da América Latina como de um todo indivisível. Grave erro. Embora haja certos aspetos de afinidade nas culturas latino-americanas, em face da anglo-americana, há também uma distinção formal entre as duas projeções do híbero-americanismo na América, formando o luso-americanismo uma unidade à parte, como existe distinções entre os próprios núcleos em que se fraccionou o império hispano-americano.

Tanto em face da cultura anglo-americana, como da cultura hispano-americana, e na base do que as nossas três culturas têm de conti-

Dentalmente comum, apresenta a cultura brasileira certas características próprias. Algumas ainda indefinidas, outras em regressão em face do interculturalismo universal contemporâneo, essas características entretanto já representam um patrimônio comum à nossa unidade cultural, tanto do ponto-de-vista institucional, como do ponto-de-vista pessoal.

Em contraste com os Estados Unidos, por exemplo, toda a América Latina tem de comum o que poderíamos chamar a primazia gradativa e crescente do homem sobre as instituições. Eles começaram pelo homem e foram gradualmente reforçando as instituições. Nós outros, pelo contrário, começamos pela força das instituições — o Estado, a Igreja, a Família, os Monopólios, as Forças Armadas — e pouco a pouco é que foram desenvolvendo a importância do Homem. Só no problema educativo, talvez, é que o fenômeno não tenha ocorrido, pois a Escola, como instituição cresceu historicamente entre nós. Há mesmo, porém, a preocupação crescente com o aluno e o declínio do autoritarismo pedagógico é um movimento no mesmo sentido humanista mais que institucionalista.

Várias outras diferenciações poderíamos anotar, se não fosse alongar demais esta nossa vista de olhos.

Se considerássemos a nossa unidade cultural, não mais em confronto com o norte-americanismo, mas com o hispano-americanismo, teríamos também de anotar algumas razões histórico-sociais de nossa especialidade cultural. Antes de tudo a dualidade da projeção ibérica. Teríamos de anotar o espírito tradicional de autonomia e depois de independência da região lusitana em face da castelhana; a língua e literaturas próprias, a diferenciação psicológica. O espírito português, de tendência épico-lírica, principalmente lírica e o espanhol de tendência dramático-romanesca. O caráter português é marcado pela doçura, o espanhol pela altivez. Um pelo realismo, o outro pelo idealismo. Um pacífico, outro guerreiro. Um democrático, outro aristocrático. Um introvertido, outro extrovertido. Um saudosista, outro utópico. Um econômico, outro desperdiçado. E assim por diante. O Brasil herdou muito dessas notas típicas lusitanas. A América espanhola os do outro lado da fronteira. E o isolamento, em que viveram as províncias ultramarinas das duas coroas, ainda concorreu, durante os séculos coloniais, para fixar mais os caracteres diferenciais entre as duas culturas latino-americanas, a despeito de suas afinidades tradicionais e continentais.

Outros elementos, além da bifurcação original da colonização ibérica, concorreram para essa especificação de uma cultura brasileira no âmbito da América Latina.

A própria geografia nos deu a base física dessa autonomia cultural. Nossos limites, como nacionalidade, são naturais e não históricos. O oceano, a montanha, as florestas, os rios, são as quatro linhas divisórias de nosso território e, por conseguinte, de nossa civilização.

Nossa formação histórica também representa uma nota típica. Ao passo que os Estados Unidos se formaram por agregação de províncias,

isto é da periferia para o centro; ao passo que as nações hispano-americanas se fizeram por *desagregação* de um Império único que se fraccionou; o Brasil se formou por *segregação*, por isolamento, com um só eixo Salvador-Lisboa ou Rio-Lisboa, mantendo a unidade desde o início da conquista. E essa *unidade*, tanto geográfica, como histórica, política, linguística, econômica, psicológica, religiosa, que vem de nossas origens e se mantém até hoje, a despeito de tantas ameaças e vicissitudes — é naturalmente a base da existência de uma cultura brasileira.

Longe nos levaria a análise de cada um dos aspectos dessa *unidade* de civilização e de cultura, que mantemos no continente americano. Trata-se de uma unidade e não de uma uniformidade. E o que distingue uma da outra é precisamente a existência ou não de uma concomitante *variedade*. Há uniformidade num monte de areia. Há unidade num corpo humano, como numa cultura nacional autêntica. É o nosso caso. Essa unidade é por natureza precária. Representa sempre um esforço constante contra as forças da corrupção e da disparidade. Daí a famosa vigilância contínua para que todo corpo social e para que toda personalidade individual se conservem unidos. Uma cultura é uma criação contínua, como o é a nossa existência individual. Os pessimistas têm nessa precariedade campo muito amplo para seus vaticínios. Os otimistas também. Uns e outros só vêm um lado da realidade. Só o realismo integral permite considerar as coisas no seu todo. E a cultura brasileira é um todo complexo, cuja unidade estrutural tem uma função aglutinadora mas não dominadora ou sufocante da pluralidade cultural, elemento dinâmico daquela unidade. Poderíamos considerar essa variedade nacional brasileira do ponto-de-vista geográfico, racial, histórico. Focalizemos apenas o aspecto cultural, propriamente dito, de tipo social e de tipo intelectual, de nossa unidade pluralística.

Esse pluralismo se manifesta pela diferenciação de planos culturais e de *zonas culturais*. O primeiro representa um corte vertical em nossa civilização e em nossa cultura. O segundo um corte horizontal.

As relações entre esses planos e essas zonas se operam por meio de três processos psico-sociológicos, que podem atuar de modo isolado ou concomitante: a repercussão, o paralelismo e a aculturação. Como os próprios nomes indicam, o primeiro, a repercussão, representa um processo de reflexo à distância, tanto de culturas estrangeiras sobre nós como de planos e zonas nacionais de cultura entre si; o segundo, o paralelismo, pelo desenvolvimento autônomo de cada plano e de cada zona, quando não ocorre a repercussão; o terceiro, a aculturação, se opera pela fusão de culturas diferentes.

O Brasil apresenta, como certas nações do mesmo tipo, a particularidade da coexistência de planos de cultura os mais distanciados entre si. Esses planos, aliás, se diferenciam segundo um critério essencial de valor. Ao passo que as zonas de cultura se diferenciam, originariamente, por

uma base geográfica, que João Ribeiro chamava de arquipélago cultural
Vejo quatro planos de cultura coexistentes em nossa civilização:

a cultura *atlântica*, que caracteriza as grandes cidades e principalmente as capitais;

a cultura *mixta*, que encontramos nas cidades pequenas e nas fazendas organizadas;

a cultura *caipira*, das fazendas rústicas e do sertão em geral, e a cultura *primitiva* dos selvícolas.

Mesmo sem entrar na análise de cada um desses planos de cultura, vemos entre eles uma diferenciação cultural, em quantidade e em qualidade, nem sempre proporcional. O nível moral médio no plano da cultura caipira, por exemplo, é superior ao da cultura atlântica. Mas o nível intelectual é sensivelmente superior nesta que naquela. E sempre mister levar em conta o elemento individual irredutível no âmbito do elemento social .

Há, no entanto, um critério geral de diferenciação gradativo entre esses planos. É o da ação crescente do meio natural sobre o homem, a partir da cultura atlântica até a cultura primitiva. O cidadão transcende a cidade, mas o selvícola é a sombra das selvas. E entre os extremos, a partir do plano da cultura primitiva, a emergência gradativa e relativa do homem em face da natureza e do ambiente representa uma valorização da cultura, de que a liberdade é um dos sinais reais preciosos. Sempre que a civilização material ou social, entretanto, representa um acréscimo de servidões em face da cultura pessoal, a lei de emergência humana, da cultura primitiva à cultura atlântica, deixa de funcionar. Não há rigor lógico na interdependência dos fatores culturais, de modo que toda estrutura cultural é sempre complexa e cercada de imprevistos, como todo humanismo.

Devemos lembrar que esses planos de cultura, embora correspondendo em linhas gerais a essa localização que vai do urbano ao rústico em linha crescentemente a política e de cultura intelectual descendente, podem entretanto coexistir na mesma zona cultural e até mesmo em idêntica urbana. Tanto no Rio de Janeiro como em Brasília, — na velha e na nova capital nacional, numa aglomeração urbana trisecular e de cultura relativamente sedimentada, como numa aglomeração recentíssima e de cultura transplantada, — ocorre simultaneamente o tríplice fenômeno do paralelismo, da repercussão e da aculturação. Os fatos transbordam sempre das nossas esquematizações conceituais, que são sempre instrumentos de pesquisa objetiva e não açudes de captação de nascentes.. .

Quanto às zonas de cultura de nosso pluralismo brasileiro, não seria demais dividi-las em quatro:

a área do Sudoeste, do Oeste e do Norte;

a do Nordeste e Leste; a do Centro e a do Sul.

Seria lícito focalizar cada uma dessas áreas ou zonas culturais, sob um tríplice aspeto: o político, o econômico e o intelectual. Outros muitos, naturalmente, poderiam ser também postos em foco. Para o rápido esboço de uma tipologia cultural brasileira que aqui estamos sugerindo, parece suficiente. Sem entrar na análise de cada um desses aspetos, limitamo-nos a indicar os traços que nos parecem ser distintivos de cada uma delas.

A área do Sudoeste, do Oeste e do Norte, que seria o círculo telúrico de nossa civilização, de Mato Grosso à Amazônia, seria caracterizada por uma política de ocupação, por uma economia do desbravamento e por uma incisiva percentagem de empirismo cultural e de analfabetismo. Dentro delas se destacam ilhas de cultura atlântica, mista ou caipira, no meio do primitivismo cultural dominante.

Na área sertaneja e nordestina, encontramos o predomínio do personalismo político, do feudalismo econômico e de uma fase ainda apenas primária de educação, salvo as apontadas exceções.

Na área central, formada pelo triângulo Pernambuco, Minas, São Paulo, destacam-se a política democrática, a economia industrializada e uma formação intelectual de todos os graus.

A área sulina, do Paraná ao Rio Grande, apresenta uma face política de tipo institucional, de tradição autoritária; uma economia distribuída, de base agrícola e pastoril e um sistema educativo de grau médio e profissional, projetando-se ativamente no grau superior.

A análise dessa triangulação cultural exigiria um livro e não uma palestra. Indicamos aqui apenas os marcos de um roteiro, que visa quando muito mostrar o quadro complexo e variado da cultura brasileira, dentro de um esquema em que unidade e pluralidade são dois valores fundamentais e irreduzíveis. Todo o sistema de institucionalização escolar racional, aplicável à realidade brasileira, não pode fugir ao reflexo dessa unidade na variedade e também na integridade, desde as necessidades de uma informação técnica especializada, até às exigências de uma espiritualidade e de uma formação moral fiéis às linhas mestras da tradição cristã de nosso humanismo brasileiro.

A UNIVERSIDADE E A CULTURA BRASILEIRA

Qual o papel da Universidade nessa formação de uma cultura brasileira, baseada nas linhas especiais de nossa tradição histórica nas exigências físico-psico-sociais de nossa realidade nacional, na participação de nossa cultura no movimento universalista de que somos cada vez mais participantes e em nossa projeção para o futuro ?

Reportémonos ao que de início lembrávamos. A função precípua da cultura é a passagem da informação à formação, da instrução à educação, do adquirido ao assimilado, tanto no sentido individual como no sentido social. Essa passagem se opera em todos os graus de desenvolvimento da personalidade e da sociedade. Há, portanto, uma tarefa cultural tanto no plano primário, como no médio ou no superior e universitário. A tarefa cultural não é privilégio da Universidade. É concomitante com todos os graus e tipos de educação, inclusive a chamada impropriamente profissional.

O que se pode dizer é que nos estágios pré-universitários o que ocorre é também uma pre-cultura, no sentido intelectual completo. Pois no sentido moral essa dimensão intelectual é secundária. O saber não confere o Amor, que é a marca da sabedoria. Confere quando muito o conhecimento que é sem dúvida um caminho para a sabedoria, e o poder, que é quase sempre um perigoso desvio. . .

Em todos os estágios escolares há uma função informativa e uma função formativa e portanto cultural. No estágio primário' recebemos os *elementos* tanto da informação como da formação. No estágio médio recebemos os *instrumentos* dessa dupla finalidade. No estágio superior ou universitário recebemos então os *complementos*, de uma e outra, marcados pelos três conceitos fundamentais que formam a base da instituição universitária: a unidade, a comunidade e a universalidade.

Permiti que vos cite o que há seis anos passados tivemos ocasião de escrever a propósito desse tríplice aspeto do verdadeiro espírito universitário.

"*Universitas*, como a própria etimologia da palavra nos indica, supõe antes de tudo unidade na variedade, mas não uniformidade. O que a Universidade de tipo totalitário nos apresenta, como unidade de espírito, é apenas a sua contrafacção como uniformidade, estandardização, negação da liberdade. A verdadeira unidade universitária consiste no agrupamento orgânico dos estudos, segundo uma harmoniosa escala de valores. É um princípio geral de excelência, baseado sobre a natureza das coisas, classificando os graus de conhecimento segundo uma ordem ascendente, na medida do alargamento do seu conteúdo material e espiritual, mas tendo sempre como norma fundamental a busca da verdade. Não afeta, de modo algum, a autonomia de cada estudo ou de cada grupo de estudos. No pórtico da Universidade de Harvard está escrita uma só palavra. Mas essa palavra resume realmente a essência do espírito universitário: *Veritas*... *Universitas* também supõe comunidade. É a vida em comum de alunos e professores das diferentes faculdades, uns com os outros e de todos com o meio social, tanto nacional como internacional. Individualismo, particularismo, regionalismo, nacionalismo, partidarismo, classismo — tudo isso está fora de verdadeiro espírito universitário... A vida universitária não é mera coexistência e muito menos simples

paralelismo de escolas, professores e estudantes. Deve ser uma comunidade de estudantes e professores, de ciência, de filosofia, de tecnologia, de belas-artes. Deve ser, ao mesmo tempo, especulativa e prática, científica e literária, especializada e de cultura geral, dedicada tanto à pesquisa como ao ensino, à transmissão do passado e à procura do futuro, ao espírito criador, autônoma e, ao mesmo tempo, integrada na vida do povo, dentro e fora das fronteiras. Deve ser, em suma, essencialmente comunitária. Finalmente, como Newman tão lucidamente o notou, a nota característica de uma Universidade é a sua universalidade. A Universidade deve ser, naturalmente, dividida em várias faculdades, pois seu espírito é ao mesmo tempo de especialização e de generalização. Se a especialização, entretanto, predominar de modo exagerado, desaparece o próprio espírito universitário. Se a generalização, pelo contrário, se confundir com superficialidade, como tantas vezes acontece, estamos em face de um erro igual e contrário. Tanto uma como outra são essenciais à configuração de uma verdadeira Universidade. Mas ao passo que a especialização é uma *condição* essencial para a vida universitária, a generalização é a própria essência da Universidade, cuja finalidade é dar corpo e vida ao conhecimento, desde as raízes até a fronde. A Universidade tem por finalidade suprema investigar e transmitir a *Cultura Geral*". (Cf. "O Espírito universitário", Agir ed., 1958, pág. 15/17).

Como já dizíamos nesse trecho de há sete anos passados, que tomamos a liberdade de vos comunicar, a função universitária é precipuamente cultural. Não nego a existência de quatro finalidades concomitantes na função universitária: a transmissão do saber adquirido, pelo ensino; a especialização profissional; a investigação pessoal ou pesquisa e a cultura geral. Cada uma das três posições iniciais, entretanto, não terá caráter universitário, se não receber esse complemento fundamental da formação cultural, tanto do homem como do meio. A Universidade é guarda e transmissora do saber adquirido. O ensino lhe é consubstancial. Sob esse ponto-de-vista é essencialmente preservadora do passado. Também prepara as novas gerações para a vida profissional especializada. Sua função, nesse ponto, é pragmática. E por sua própria natureza ligada ao ambiente, ao meio social, às necessidades locais, ao estado do mundo contemporâneo, à vida cotidiana. É uma instituição, portanto, eminentemente participante. Deve levar em conta, por exemplo, as particularidades dos planos culturais e das zonas culturais, de nossa civilização, como anteriormente procuramos delinear. E com isso permite aos seus alunos legarem a Universidade à sua vida particular. Como ligá-la à vida pública nacional e internacional, deixando de considerá-la como uma instituição abstrata num plano extra-temporal. Não nego, tão pouco, que a Universidade é um instrumento de pesquisa científica, em todos os terrenos, preparando especialistas e alargando o domínio dos conhecimentos. Nesse ponto a Universidade é pioneira e aventureira. E por seus institutos e departa-

mentos especializados transcende de muito a tarefa preservadora e orientadora do ensino. Sua visão se volta então para o futuro e não para o passado.

Mas, que seria de tudo isso se não fôsse a finalidade precípua da Universidade, a função cultural, tanto em relação à pessoa humana como em relação às nacionalidades e à civilização universal ?

Essa função sintetizadora, assimiladora, aglutinante, em suma essa escola de sabedoria, que transcende o saber e a pesquisa, é que constitui a dignidade e a finalidade da instituição universitária. É ela que justifica a função da Universidade na situação presente de nossa evolução cultural.

Dizíamos, a início, que o estado atual de nossa civilização é fruto, principalmente, da extra escolaridade cultural. Fazemos, pois, uma distinção fundamental entre culturalismo extra escolar e culturalismo escolar. Este, como o nome está indicando, é o que se adquire dentro das instituições escolásticas. Aquêlo o que se adquire fora delas, dentro dos demais círculos de nossa existência grupai, a partir do ambiente doméstico, e pela própria vivência nossa individual em contacto com a sociedade. Nenhuma das duas exclui a outra. A escola surgiu para completar a família e a civilização é a explicação dos grupos sociais constituídos originalmente no grupo inicial e primário. A linha da escolaridade é, portanto, a própria linha do desenvolvimento individual e do progresso coletivo. Nem por isso deixa, de se desenvolver, concomitantemente, a linha, da extra escolaridade. Ambas têm uma função cultural, isto é de aperfeiçoamento individual e coletivo, na passagem do saber ao amor, da intelectualidade à cordialidade, da *sciencia rationis à sapientid cordis*. Se não houvesse essa afinidade substancial entre o desenvolvimento da escolaridade e a vivência da extra escolaridade, poderíamos dizer que a função universitária seria prematura num país como o nosso de desastrosa escolaridade e de nível de alfabetização ainda tão vergonhosamente baixo.

O que justifica o desenvolvimento entre nós é precisamente a afinidade natural que deve existir entre o heterodidatismo e o utadidatismo. Sempre que a Universidade nossa se fechar ao ambiente social real, ao estado de civilização, à pluralidade cultural, de planos e zonas de nível tão diverso à condição psicológica e econômica do homem brasileiro e até mesmo às condições universais de civilização em mudança em que todos estamos empenhados, os cultos como os incultos, e às nossas crescentes responsabilidades internacionais, — sempre que nossas Universidades atuais se fecharem a essas exigências de sua natureza, então sim a instituição será uma superfetação.

Mas sempre, pelo contrário, que a Universidade brasileira fôr fiel à sua verdadeira natureza, então podemos dizer que não haverá progresso cultural brasileiro se não houver também um concomitante desenvolvimento universitário.

Essa lição entre a cultura obtida pela prática do verdadeiro espírito escolar, da escola primária à Universidade, e a cultura comunicada pela própria vida extra escolar, é que devemos preservar, para que a Universidade não seja um artifício dispendioso e privilégio de alguns "happy few", mas um instrumento fundamental do humanismo cultural.

Eis como, nesse estudo sobre o espírito universitário que há pouco tomamos a liberdade de transcrever, focalizávamos essa necessidade de unir o requinte da cultura à sua espontaneidade natural, pela qual o homem verdadeiramente culto volta a encontrar-se com o que pode haver de mais preciso em nosso irmão que por isso ou por aqui, não participou de uma formação cultural em plano superior.

"O perigo, para o ser humano, do espírito universitário, é o orgulho intelectual, é o pedantismo do saber, a exibição erudita, o tom suficiente, o desprezo pelos menos instruídos. É tudo isso que os estudos em nível superior podem tragar-nos, como forma de embriagues intelectual. Bem sei que essa embriagues é sinal de falsa cultura. Só os novos ricos do saber se comprazem em exhibir os seus conhecimentos. Costumo dizer que saber é esquecer. Cultura é o que se perde em nós do que ganhamos pelo estudo e pela leitura. E por isso é que citamos cada vez menos na medida em que envelhecemos e vamos tomando cada vez mais inequívoco da vastidão de nossa ignorancia. Cultura não é memoria. É infiltração. Daí a afinidade que os homens verdadeiramente cultos sentem pelos homens verdadeiramente simples. Tudo isso faz parte da espiritualidade universitária. A mias importante das cátedras universitárias é a cátedra do silêncio e da humildade" (op. cit., p. 42).

É nesse sentido que se encontram as duas formações culturais e se estabelece a interdependência entre cultura extra escolar e cultura escolar.

Essa interdependência é uma lição, para que encaminhemos o nosso aparelhamento e o nosso espírito universitário no sentido da elaboração de uma autêntica cultura brasileira. Quanto mais a sério tomarmos a formação universitária, no sentido da preparação em profundidade, contra o espírito de precipitação e de superficialidade que ainda caracteriza a nossa pseudo formação universitária; quanto mais realizarmos uma autêntica comunidade universitária, de que mestres e alunos se sintam como associados em torno da mesma tarefa e não como grupos estranhos ou hostis que se defrontam como duas forças antitáticas ou indiferentes; quanto mais compreendermos que a cultura brasileira precisa da cultura universitária para não desperdiçar as suas virtualidades e a cultura universitária necessita da cultura extra escolar brasileira para não cair no pedantismo ou no artifício e quanto mais uma e outra cultura compreendem que a técnica supera o empirismo, como a ciência supera a técnica e a sabedoria supera a ciência — quanto assim procedermos tanto mais perto estaremos da verdadeira Universidade brasileira e da verdadeira cultura brasileira.

Pois tanto a cultura escolar como a extra escolar encontram sua verdadeira medida naquela volta à simplicidade de espírito que a pieni' tude cultural permite.

Assim como os generais romanos, ao fazerem a sua entrada triunfal em Roma, levavam atrás do seu carro um escravo que lhes gritava impro' périos, para se lembrarem de sua pobre condição humana, — os univer' sitários, mestres ou alunos, precisam sempre ter a seu lado e sobretudo em seu coração a presença de sua própria ignorância. E nada lhes pode melhor comunicar humildade e consciência do seu nada, do que a figura e o exemplo daquele que nunca escreveu uma linha, senão com o dedo na areia dos caminhos, cuja escola foi apenas uma oficina de carpinteiro, mas disse palavras de Vida Eterna, que ainda hoje e até a consumação dos séculos, transcenderão de tôdas as Universidades, de tôdas as ciências da terra e dos homens" (op. cit., p. 42) e nos ensinam o sentido da verdadeira e perene Cultura humana.